

"O presente seria cheio de todos os futuros, se já o passado não projetasse nele uma história." André Gide - Os Frutos da Terra

Senhoras e Senhores,

Vivemos um tempo em que se cultiva a velocidade e, sob o ritmo implacável das máquinas, deixamos marcar nossas vidas pelo compasso da pressa. O hoje torna-se mero prenúncio de um amanhã que passa tão rapidamente, que parece às vezes nem de fato acontecer.

Houve um tempo, nos povos da Antiguidade, em que o ritmo da vida era marcado pela visão de um processo circular. Max Weber, talvez o mais arguto analista das sociedades humanas, dá-nos a lição de como a visão do homem antigo a respeito do tempo e da história via no ciclo do nascer e do pôr do sol um paradigma da própria existência. Assim como nos ciclos vitais da natureza, o tempo era um eterno renascer do ontem. Válida e muito ilustrativa é a seguinte passagem extraída de sua magistral obra "Economia e Sociedade", que analisa o sentido do progresso moderno e da finitude humana:

Para o homem civilizado a morte não tem significado algum. Não o tem porque a vida individual do homem civilizado, situado num "progresso" infinito segundo seu próprio significado imanente, não deveria nunca chegar ao fim, pois há sempre mais um passo a ser dado para aquele que está em meio ao avanço do progresso. E nenhum homem que morre se encontra no ponto culminante que se situa no infinito. Abrão, ou algum camponês do passado, morreu "velho e satisfeito com a vida", porque permaneceu no ciclo vital orgânico; porque sua vida, em termos de seu significado e no findar de seus dias, havia lhe dado o que a vida tem a oferecer, pois para ele não restava nenhum enigma que ele pudesse querer resolver; e desse modo, ele pôde ter o suficiente da vida. Por outro lado, o homem civilizado, colocado no meio do contínuo enriquecimento da cultura através das idéias, do conhecimento e dos problemas, pode tornar-se "cansado da vida", mas não "saciado da vida". Ele só aprende a parte mais ínfima daquilo que a vida do espírito está sempre a recriar, e aquilo que aprende é sempre alguma coisa provisória, não conclusiva; desse modo, a morte é para ele um acontecimento sem

sentido. E uma vez que a morte não tem sentido, a vida civilizada enquanto tal tampouco o tem; através de sua própria "progressividade", ela confere à morte a marca de sua falta de sentido.

O império do ontem foi profundamente invertido pelos tempos modernos, em que, sob a égide da era industrial e sob o comando de artefatos técnicos e, depois, mais profundamente ainda, pelas novas tecnologias de informação, acelerou-se nossa percepção do tempo, deixando-se o passado relegado à mera peça de museu, acessório quase que dispensável. A renovação incessante de elementos a serem conhecidos, possuídos, compreendidos ou dominados é tamanha que muitas vezes nem sequer nos damos conta dos passos ou das conquistas obtidas. Parecemos mesmo a caminho de nos tornar aquilo que Hannah Arendt, ainda na primeira metade do século XX, denunciava como o *homo faber*, o homem completamente exaurido e alienado na dimensão de um trabalho que se converte em simples processo de produção e cujos bens produzidos, seja no campo da tecnologia, da ciência ou mesmo das artes e das letras, têm por característica principal sua fungibilidade perene. Vale dizer, tornarem-se consumíveis e esquecíveis, tão logo tenham sido produzidos.

Não nos damos conta, porém, de que o fenômeno do tempo, complexo e multidimensional como é, não nos permite uma visão recortada ou fragmentada de seu ser. Terminamos por esquecer que todo o tempo é presente e que este deve se revelar numa composição triádica: passado-presente-futuro, que apenas numa trama conjunta pode se realizar. O gênio de Santo Agostinho bem o soube revelar, ao responder à seguinte indagação: como podemos atribuir duração ao tempo, se este é intrinsecamente tão fugidivo? Como falar do passado ou do futuro? São acontecimentos que não existem na realidade (pois, o que passou não mais existe e o que há de vir ainda não é), mas que se referem a uma presença interior à alma. Vale dizer, existem porque partilham da existência em nossas mentes e corações, conformando em nós padrões temporais pelo que é **memória e esperança**.

Assim, senhor presidente, o esquecimento do ontem pode nos trazer sérios riscos. Não riscos econômicos, científicos ou militares, mas existenciais, pois, corremos o risco de esquecer que o tempo é uma das matérias de que somos

realmente feitos. Muito mais do que dinheiro, como reza o brocardo capitalista do *time is Money*, é chegada a hora de compreender que *time is life!* Tempo é vida!

A visão fragmentária sobre o tempo precisa e pode ser superada. E ainda é tempo de fazê-lo. Reuniões como esta são, a meu ver, local propício para lançar-nos nesta tarefa. Pois, é preciso aguçar nossa consciência, aquietar a azáfama do dia a dia, para abrimo-nos a voz de um passado que nos fala. A inauguração do retrato de Jadir Silva, na Galeria de Ex-Presidentes desta Corte deve ser vista como um marco do presente que, rememorando o passado, nos abre caminhos para a construção do futuro. Aliás, este é mesmo o verdadeiro sentido da tradição, que, nós mineiros, tanto valoramos e sabemos respeitar. É que a verdadeira tradição dá-se no encontro reprodutivo com o passado, que absorve a história para concretizá-la no que ela tem de melhor e mais importante no presente, em contínuo entrelaçamento com a visão do futuro.

O retrato, que ora inauguramos, lembra Jadir Silva como presidente deste Tribunal de Justiça Militar, função que exerceu, com altivez, denodo e dedicação de março de 2010 a março de 2012. Lembra-nos, porém, do homem de muitas outras faces e cuja trajetória é marcada por um conceito tão caro a todas as instituições militares: a luta. Se nos valêssemos do conceito anglófono de *selfmade man*, poderíamos dizer que Jadir Silva é um seu exemplar autêntico. Todavia, como estou convencido de que nenhum homem é uma ilha, mas somos todos mutuamente devedores uns para com os outros pelo que pensamos, produzimos e sentimos, não poderia deixar de mencionar a contribuição humana profunda que Jadir Alves da Silva e Elvira Cândida de Oliveira certamente trouxeram à formação de seu filho Jadir. E quantas foram as veredas trilhadas por este seu filho!

Assim, poderia hoje falar-lhes sobre o ex-oficial tenente da Polícia Militar de Minas Gerais. Sobre o professor aclamado de Direito Penal de tantas e respeitáveis instituições de ensino superior, como a Faculdade de Direito de Itaúna e nossa querida Faculdade de Direito Milton Campos, onde sua excelência tem lecionado, ininterruptamente nos últimos 27 anos! Anos estes em que tem conquistado o carinho e a admiração das muitas gerações que sob seus ensinamentos se têm formado. Poderia falar-lhes do doutrinador e juspenólogo laureado com a nota

máxima em sua importante dissertação sobre "O cálculo da pena privativa de liberdade", defendida na Faculdade de Direito da UFMG, e que tem brindado a comunidade jurídica com diversos artigos e escritos. Poderia falar-lhes do pai de família e marido dedicado que, juntamente com sua Rosângela (a quem carinhosamente se refere como sua Egípcia) tão bem soube criar Aldo, Karine e Amanda, frutos abençoados de seu amor comum. Poderia falar-lhes do juiz corajoso, íntegro e justo que jamais vacila em ouvir a voz de sua consciência e nunca se recusa a ver as vidas humanas que se ocultam por trás de cada processo.

Nesta tarde de festa, porém, não me sendo possível falar de tantas faces, optei por falar-lhe de uma que talvez congregue e abarque o valor síntese de todas as demais. Se *Deo charitas est*, Deus é caridade!!! - como nos ensina São Paulo, - podemos estar certos de que Jadir Silva é um de seus interlocutores privilegiados. Refiro-me, pois, ao homem da caridade, que encontra no serviço voluntário de preces e ações da Fraternidade Espírita Irmão Glakos um espaço de realização dessa suprema virtude, que nem mesmo a escassez de tempo imposta por sua apertada agenda consegue afastá-lo do exercício. O auxílio aos necessitados, sem alarde nem segundas intenções, constitui, para o nosso homenageado, verdadeiro sacerdócio. Não há compromisso profissional ou festividade que o retire da participação ativa em tais funções, de onde extraí certamente os caracteres da bondade e da generosidade que marcam sua personalidade. Por meio dela, Jadir Silva pode dizer, com Tomás Antônio Gonzaga, **"Eu tenho um coração maior que o mundo!"**. Os títulos, as medalhas e as honrarias, todas são certamente menores do que o poder de proferir estas palavras. Que sua luta Dr. Jadir, feita de gestos, palavras e memória, continue a animar sempre este Tribunal.

Que Deus continue a iluminar por muitos anos Vossa Excelência, dando-lhe muita felicidade e paz na realização de seus sonhos mais verdadeiros. Muito obrigado!